

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# UMA PRIMEIRA ABORDAGEM COMPARATIVA AOS CONCHEIROS EM PORTUGAL E JAPÃO – DOS ÚLTIMOS CAÇADORES-RECOLECTORES AOS PRIMEIROS PRODUTORES DE ALIMENTOS NOS EXTREMOS DA EURÁSIA

Diana Nukushina / Bolseira de Investigação (FCT, Uniarq) / diana\_nukushina@hotmail.com / dnukushina@campus.ul.pt

## RESUMO

Apresenta-se uma primeira abordagem à macro-escala sobre a transição dos últimos grupos de caçadores-recolectores holocénicos para os primeiros grupos produtores de alimentos, através da comparação de dados arqueológicos provenientes de sítios de tipo *concheiro* em dois territórios distintos – Portugal e Japão. Embora constituam casos de estudo diferenciados no tempo e no espaço, quer em Portugal, quer no Arquipélago Japonês, são conhecidos numerosos concheiros a partir do Holocénico, sendo o seu papel determinante no estudo das comunidades humanas pré-históricas, nomeadamente no conhecimento sobre os últimos caçadores-recolectores e os processos económico-sociais inerentes à emergência de grupos produtores de alimentos.

## ABSTRACT

We present a first macro-scale approach to the transition from the Holocene last hunter-gatherers and the first food producer groups, through the comparison of archaeological data from shell midden sites in two different territories – Portugal and Japan. In spite of being two different case-studies in time and space, both Portugal and Japan are known for a high quantity of shell midden sites from the Holocene. Those sites have an important role on the study of the prehistoric human groups, namely on the research about the last hunter-gatherers and the economical and social processes that are inherent to the emergency of food producer groups.

“We can accommodate the study of complexity in all its complexity.”

(Kim e Grier, 2002, p. 197)

## 1. OS SÍTIOS DE TIPO *CONCHEIRO* EM DOIS EXTREMOS – RAZÕES E OBJECTIVOS PARA UMA COMPARAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Precisamente em dois extremos da Eurásia, em Portugal e no Japão assistimos a um incremento na formação de concheiros a partir do Holocénico<sup>1</sup>.

1. A ideia de “incremento” deriva da praticamente ausência de concheiros conhecidos para períodos anteriores, que tem sido justificada pelos processos de transgressão marinha

Estes sítios são emblemáticos no estudo das comunidades humanas pré-históricas, pela riqueza do registo arqueológico que proporcionam e que suscita o desenvolvimento de abordagens transdisciplinares a temáticas relacionadas com a interacção Cultura-Ambiente e as relações sociais entre grupos humanos.

Apesar da existência de um número significativo de estudos sobre os concheiros em Portugal, uma abordagem sistemática e diacrónica ao registo arqueológico destes sítios tem sido difícil, mantendo-se diversos problemas:

a nível mundial no Holocénico e a consequente submersão de numerosos sítios costeiros de cronologia Pleistocénica.

- nos conceitos básicos – nomeadamente, a definição de Mesolítico e Neolítico no momento de transição e o que caracteriza os chamados “caçadores-recolectores complexos”;
- na centralidade da investigação nos concheiros de época mesolítica, assumidos como testemunhos de grupos predominantemente caçadores-recolectores com economias de amplo espectro;
- nas interpretações estratigráficas, particularmente difíceis neste tipo de sítios;
- na detecção de variabilidade tipológica e funcional ao nível da cultura material.

Por outro lado, a riqueza de dados arqueológicos e de modelos interpretativos no Japão sobre os grupos Jomon, caracterizados por uma manutenção de economias predominantemente caçadoras-recolectoras durante milénios, os concheiros e os processos de adopção da agricultura intensiva (início do período Yayoi) representam um manancial de informação com potencial para a realização de comparações a uma escala global, constituindo uma inexplorada via para abrir o tradicional inquérito sobre os concheiros e a Neolitização em Portugal. Embora se considere que as abordagens individuais aos sítios arqueológicos e às realidades regionais tenham importância para a construção de bases de dados de pormenor, entende-se que as leituras não deverão ficar limitadas à micro-escala, devendo igualmente procurar dar resposta a questões globais em torno da História e dos comportamentos humanos, em muitos casos, transversais a grupos culturais distanciados. A comparação de diferentes cenários históricos e tradições científicas, apresenta-se, assim, como uma tarefa indispensável na abordagem aos mesmos processos evolucionários.

## 2. OS CONCHEIROS E A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM PORTUGAL E NO JAPÃO

### 2.1. A definição de *concheiro* enquanto sítio arqueológico

Concheiro é o termo português normalmente traduzido para inglês como “shell midden” ou “shell mound”, que designam uma acumulação antropogénica intencional de conchas (Balbo & *alii*, 2011), ou um sítio arqueológico onde se verifica a ocorrência deste tipo de estruturas. O termo português é relativamente neutro do ponto de vista funcional, ao contrário do que sucede com “shell midden”,

que aponta mais para uma acumulação de detritos alimentares, o que suscitou a crítica de alguns autores (Claassen, 1998), que preferem a utilização de termos mais imparciais, como “shell matrix site” ou “shell-bearing site”.

Por outro lado, “kaidzuka” é o termo japonês equivalente ao de concheiro, ainda que a sua tradução designe, não apenas a presença de conchas (“kai”), mas também a de um monte (“tsuka”). Por essa razão, e pela existência de uma quantidade significativa de concheiros com acumulações densas que provocam nítidas alterações nas paisagens originais, o termo japonês é frequentemente traduzido para “shell mound”. No entanto, nem todos os concheiros nipónicos têm este tipo de formação. Por outro lado, para autores como K. Suzuki (1989, p. 3), dada a diversidade de restos de origem antrópica que se encontra habitualmente nos concheiros japoneses, seria mais apropriada a tradução para “shell midden” ou “kitchen midden”, conceitos que têm por base a ideia de acumulação de resíduos de ocupação humana.

Em ambos os casos, concheiro e “kaidzuka” constituem termos de classificação de sítios arqueológicos, ainda que existam casos não-categorizados segundo esta nomenclatura, em que se verificam acumulações de conchas em maior ou menor número. Esta situação parece frequente quando as acumulações são de reduzida dimensão, ou dizem respeito a uma pequena fase de ocupação em sítios de longa diacronia. Neste sentido, a inventariação de concheiros em Portugal e no Japão não constitui uma tarefa imediata, obrigando à avaliação dos próprios sítios. A dificuldade é acrescida pelo facto de concheiro ou “kaidzuka” poderem referir quer simples acumulações de conchas ou antes, sítios onde as populações viveram e/ou, por vezes, enterravam os seus mortos (Dupont, 2003, p. 3).

Graças às condições alcalinas proporcionadas pela acumulação de conchas, os concheiros caracterizam-se por um elevado potencial em termos de investigação arqueológica, ao possibilitarem um bom nível de preservação de materiais orgânicos e um tipo de registo arqueológico de pormenor. Embora o seu volume resulte primariamente da exploração de recursos aquáticos, os concheiros contribuem igualmente para a preservação de evidências de exploração de ambientes terrestres, sem que, no entanto, todos resultem necessariamente do abandono de detritos de actividades de consumo alimentar (Claassen, 1998, p. 11). Estes sítios não só têm permitido a obtenção

de dados importantes do ponto de vista paleo-económico, mas também ao nível dos padrões de organização espacial e de actividades rituais.

## 2.2. O lugar dos concheiros portugueses e japoneses no contexto global

A formação de concheiros encontra-se registada em ambientes costeiros, lacustres e fluviais em diversas áreas do mundo (Álvarez & *alii*, 2011, p. 1; Suzuki, 1989, pp. 5-6). Constituem um tipo de estruturas com uma distribuição geográfica e cronológica ubíqua, não obstante a maioria dos sítios conhecidos ser de cronologia holocénica (Claassen, 1998, p. 2). Por outro lado, caracterizam-se por uma grande variabilidade em termos da dimensão, forma, distribuição, cronologia e funcionalidade, dificultando a sua sistematização. A escassez de sínteses gerais e inclusivas sobre os concheiros tem sido sublinhada, apesar da sua longa história de investigação nos últimos dois séculos (Balbo & *alii*, 2011; Gutiérrez-Zugasti & *alii*, 2011).

A Europa Atlântica e o Arquipélago Japonês assumem-se no Hemisfério Norte como duas áreas-chave no estudo de concheiros, designadamente da Pré-história holocénica. Na Europa, com particular destaque para Portugal, é para o Mesolítico que se documenta uma grande quantidade de concheiros, razão pela qual a investigação destes sítios se tem centrado neste período. De igual forma, no Japão, para o período Jomon, é conhecida uma elevada quantidade, com um papel de inegável importância para o estudo dos caçadores-recolectores holocénicos (Habu & *alii*, 2011, p. 19).

A atenção dada aos concheiros em Portugal e no Japão possui uma longa tradição, remontando ao século XIX, quando se inicia, a nível global, o reconhecimento destes sítios enquanto produtos de actividade humana (Claassen, 1998, p. 2; Álvarez & *alii*, 2011, p. 1). Em Portugal, a identificação dos primeiros concheiros faz-se por Carlos Ribeiro, em 1863, com a descoberta do complexo de Muge, alcançando notoriedade a nível europeu. 14 anos depois, é num concheiro – Oomori, Tóquio – que se procede à primeira escavação arqueológica considerada de carácter científico no Japão, por parte de Edward Morse, zoólogo americano (Nishiyama, 1995, p. 548).

Embora tenham sido ensaiados esquemas de classificação de concheiros em algumas áreas, como a Fachada Atlântica Francesa, onde, ao nível da mor-

fologia e volume, foram estabelecidas diferenças entre “amas coquillier”, “dépot coquillier” e “lit coquillier” (Dupont, 2003), em Portugal e no Japão não se tem procedido a uma definição nesse sentido. Por outro lado, tem-se referido a necessidade de estabelecer uma classificação de concheiros que não se baseie apenas no tamanho, volume e forma, mas também, em relação às características internas, como a funcionalidade (Gutiérrez-Zugasti & *alii*, 2011, p. 80). Uma das principais distinções utilizadas no Japão diferencia os concheiros costeiros (“hama kaidzuka”), de carácter especializado, dos concheiros com vestígios habitacionais (“mura kaidzuka”), caracterizados pela abundância de vestígios de habitat (depósitos e estruturas) (Abe, 2009). Ainda que distanciadas e com diferentes tradições de investigação arqueológica, as abordagens científicas aos concheiros em Portugal e no Japão têm-se caracterizado por um enfoque em torno das sociedades de caçadores-recolectores e uma profusão de estudos de carácter localizado ao nível dos sítios, regiões e cronologias.

## 3. CONCHEIROS NO ACTUAL TERRITÓRIO PORTUGUÊS – VISÃO DE CONJUNTO

Portugal constitui uma das áreas europeias em que os sítios de tipo concheiro estão bem representados, embora em termos quantitativos, o espectro não seja muito alargado – na base de dados da DGPC (Endovélico<sup>2</sup>), encontram-se registados 82 sítios, dos quais 58 têm cronologia pré-histórica holocénica atribuída, incluindo 49 sítios com ocupação mesolítica. Esta listagem, contudo, não engloba todos os sítios conhecidos.

Os concheiros com ocupação mesolítica são, na sua maioria, sítios de ar livre. Os sítios de maior dimensão encontram-se nos estuários do Tejo, Sado e Mira, sendo genericamente atribuídos ao Mesolítico final e interpretados enquanto acampamentos-base de natureza residencial, onde diferentes tipos de vestígios têm sido encontrados, nomeadamente restos faunísticos, estruturas de carácter doméstico, enterramentos e artefactos líticos (Gutiérrez-Zugasti & *alii*, 2011, p. 78). Uma das características mais destacadas a nível europeu é o seu carácter funerá-

2. ENDOVÉLICO [s.d.] – Base de dados do património arqueológico. Direcção-Geral do Património Cultural. <http://arqueologia.igespar.pt/> (consultas efectuadas em 2013).

rio, contabilizando-se mais de 400 enterramentos humanos recuperados nos concheiros do Tejo e do Sado (Cunha, Cardoso & Umbelino, 2003).

Por outro lado, muitos concheiros conhecidos não apresentam outros vestígios culturais para além das conchas, dificultando a sua caracterização. As espécies mais frequentes apresentam uma diferenciação importante entre as áreas de costa rochosa, no Litoral Sul, onde se detecta a presença de *Patella* sp., *Mytilus* sp., *Osilinus lineatus* e *Thais haemastoma*, e o Litoral Centro, em contexto estuarino, onde são mais vulgares a *Scrobicularia plana*, *Cerastoderma edule*, *Ruditapes decussatus* e *Solen marginatus* (Gutiérrez-Zugasti & alii, 2011, p. 81).

Em Portugal, a investigação dos concheiros tem sido associada ao Mesolítico, ainda que a sua formação não ocorra exclusivamente nesta etapa. Os concheiros da Comporta, Setúbal (Silva & alii, 1986), com cronologias entre o Neolítico “médio” e o Calcolítico, de Castelejo (Soares & Silva, 2003) e da Rocha das Gaivotas, em Vila do Bispo (Carvalho, Valente & Dean, 2010), com ocupações entre o Mesolítico e o Neolítico antigo, e do recentemente intervencionado “Meu Jardim”, Nazaré (Valera & Santos, 2010), com ocupação no Neolítico antigo, exemplificam a continuidade da formação destes sítios e da importância dos recursos aquáticos em cronologias posteriores. Por outro lado, alguns concheiros parecem ter ocupações de diversas cronologias, muitas vezes não sendo clara a sua extensão e associação aos depósitos de conchas (caso do concheiro das Amoreiras, Alcácer do Sal). Outro problema prende-se com a falta de informação estratigráfica e espacial que contextualize os resultados das análises multidisciplinares realizadas (Gutiérrez-Zugasti & alii, 2011, p. 79), dificultando o entendimento dos processos de formação e ocupação dos sítios, assim como a identificação de diferentes funcionalidades. Para além dos problemas nas metodologias de escavação utilizadas, por vezes mal conhecidas (por exemplo, o caso das campanhas de M. Heleno nos concheiros do Sado), para esta situação tem também contribuído o facto de muitos concheiros terem sido escavados parcialmente.

#### 4. CONCHEIROS NO ARQUIPÉLAGO JAPONÊS – VISÃO DE CONJUNTO

Os concheiros no Japão encontram-se distribuídos por todo o Arquipélago, apontando-se um número

aproximado de 3200 sítios (Nishiyama, 1995), que o torna numa das áreas com maior densidade a nível global (Tozawa, 1989, p. 72). Grande parte corresponde a sítios de época Jomon, razão pela qual a investigação destas realidades se tem centrado fortemente neste período (Suzuki, 1989; Habu & alii, 2011), genericamente balizado entre cerca de 14500 e 300 a.C.<sup>3</sup> (Habu, 2004). Os concheiros Jomon são frequentes em baías e estuários com reduzida profundidade, na costa Pacífica, destacando-se a área de Kanto (nomeadamente a Baía de Tóquio), as baías de Hunka, Ise, Mikawa e Ariake e a zona do Seto Naikai (Mar Interior do Japão) (Takahashi, Toizumi & Kojo, 1998). Encontram-se detectados mais densamente na área Oriental do Japão, correspondendo a um número superior de sítios de época Jomon (Habu & alii, 2011, p. 20). Por outro lado, o Japão Ocidental tem sido encarado enquanto uma área pobre em sítios Jomon, sendo o número de concheiros igualmente mais reduzido (*ibidem*, p. 24). Embora as espécies de moluscos predominantes variem temporal e espacialmente, a maioria destes sítios é formada por conchas de moluscos de água salgada ou salobra, sendo frequentes, entre as espécies marinhas, a *Crassostrea gigas* (“magaki”, Pacific oyster), a *Tegillarca granosa* (“haigai”), a *Meretrix lusoria* (“hamaguri”), *Ruditapes philippinarum* (“asari”), e entre as espécies de água salobra, a *Corbicula japonica* (“yamato-shijimi”) (Takahashi, Toizumi & Kojo, 1998).

Os concheiros têm proporcionado evidências para a produção de modelos antropológicos, sequências cronológicas da cerâmica e reconstituições dos sistemas económico-sociais do período Jomon (Nishiyama, 1995). A sua formação durante esta etapa tem sido encarada enquanto resposta ao aquecimento climático no pós-Glaciário e consequente transgressão marinha (Tozawa, 1989; Abe, 2009). No entanto, por exemplo, na região de Kanto, estes sítios não podem ser vistos apenas como resultado da exploração exclusiva dos recursos aquáticos, mas também de recursos terrestres, enquadrando actividades desde a recolha para subsistência ao

3. O limite inferior de c. de 300 a.C. diz respeito à entrada da cultura Yayoi na região de Kanto. A delimitação temporal do período Jomon e do subsequente período Yayoi tem estado em forte discussão, fruto dos avanços recentes na obtenção de séries de datas de radiocarbono por AMS (Kudo, 2012; Fujio, 2013).

processamento intensivo, designadamente de moluscos, nem sempre para consumo imediato (Abe, 2009, p. 201).

Os concheiros Jomon apresentam grande variabilidade, mesmo dentro dos mesmos sub-períodos e regiões. Em termos dimensionais, verificam-se sítios que atingem áreas estimadas de milhares de m<sup>2</sup>, como o caso do concheiro de Kasori, Chiba, e outros com pouco mais de 100 m<sup>2</sup> (Suzuki, 1989, p. 36). A implantação individual é também variada, ocorrendo quer em áreas de planalto, quer a cotas reduzidas (Abe, 2007, p. 3). Embora de forma não-exclusiva, muitos encontram-se em sítios de *habitat*, onde foram detectadas estruturas (Takahashi, Toizumi & Kojo, 1998). São frequentes os enterramentos, embora nem sempre se encontre registada a sua relação com os depósitos conchíferos (Takanashi, 1998, p. 11). Do ponto de vista funcional, e com maior ou menor complexidade, os concheiros têm sido considerados essencialmente como áreas de abandono de resíduos (Suzuki, 1989), assumption que tem merecido algumas críticas (Nishiyama, 1995; Takanashi, 1998).

Numa perspectiva diacrónica, na região de Kanto, denota-se uma maior quantidade de concheiros durante os períodos *Early*, *Middle* e *Late Jomon*<sup>4</sup>, diminuindo a partir do *Final Jomon* (Tozawa, 1989, p. 187). Mais especificamente, na Baía de Tóquio, surgem, a partir do final do *Middle Jomon* e ao longo do *Late Jomon*, grandes concheiros em forma de ferradura (Abe, 2007, p. 5). Para Ocidente da prefeitura de Aichi, é referido um aumento do número e tamanho dos concheiros a partir do final do *Late Jomon*, devido a alterações ambientais (Tozawa, 1989, pp. 187-188). A partir do período Yayoi, assiste-se a uma diminuição generalizada do número e tamanho dos concheiros conhecidos no Arquipélago (Suzuki, 1989; Abe, 2009). Como causas, aponta-se a ocorrência de um arrefecimento climático entre o *Final Jomon* e o Yayoi inicial (c. 2500-2000 BP) e a diminuição da dependência dos recursos aquáticos com a emergência das economias baseadas na agricultura intensiva de arroz (Abe, 2009, p. 198). No entanto, não há um consenso quanto ao impacto das altera-

4. O período Jomon encontra-se convencionalmente dividido em seis sub-períodos, que se encontram traduzidos em inglês para *Incipient*, *Initial*, *Early*, *Middle*, *Late* e *Final Jomon* (Habu, 2004). Dada a dificuldade na sua tradução para Português, optou-se pela referência em língua inglesa.

ções ambientais, bem como à intensidade e rapidez das alterações económicas com o início do período Yayoi, encontrando-se mal conhecidas, nesta etapa, as práticas de caça, pesca e recollecção, incluindo de moluscos. Em Kanto, Y. Abe (2007, p. 8) refere que é difícil admitir que o arrefecimento tenha sido significativo ao ponto de causar impactos decisivos nos moluscos, apontando antes a mudança nos hábitos alimentares enquanto principal factor. Por outro lado, refere que a diminuição do número de concheiros no *Final Jomon* não pode ser dissociada do decréscimo de sítios arqueológicos conhecidos para esta etapa, admitindo a possibilidade de declínio demográfico ou de alteração dos padrões de implantação (Abe, 2009, p. 199), bem como a necessidade de maior investigação sobre a aparente redução dos concheiros neste período (Abe, 2007, p. 8). Na prefeitura de Chiba, em Kanto, são conhecidos alguns concheiros do final do *Final Jomon* e inícios do período Yayoi, com espécies de moluscos transportadas de distância relativamente longas, e no Yayoi médio, pequenas acumulações associadas a povoados e necrópoles (Abe, 2009, p. 206). Ainda na Baía de Tóquio, a Oeste, em Yokohama, alguns concheiros Yayoi surgem em povoados de altura e grutas costeiras, sendo que alguns parecem não se tratar apenas de depósitos de resíduos domésticos, mas também de palcos de práticas rituais, defendendo-se uma certa continuidade com as tradições do período Jomon (Yokohama-shi Rekishi Hakubutsukan, 2012, p. 6).

## 5. NOTAS PARA UMA ABORDAGEM COMPARATIVA ENTRE PORTUGAL E O JAPÃO

### 5.1. Concheiros e as economias de caça-recollecção “complexas”

Em Portugal, a investigação recente tem sublinhado o carácter complexo das comunidades de caçadores-recolectores do Mesolítico final que estão por trás da formação dos concheiros de grande dimensão surgidos nos estuários do Tejo, Sado e Mira (Bicho & alii, 2010; Soares & Silva, 2003). No entanto, o uso dos conceitos de complexidade e de “caçadores-recolectores complexos”, assim como o de “*affluent foragers*”, tem sido sistematicamente alvo de discussão a nível internacional. De acordo com J. Kim e C. Grier (2006, p. 194), tem-se generalizado uma tendência segundo a qual, quando um grupo é con-

siderado de “caçadores-recolectores complexos”, as suas características são utilizadas para determinar se em outras regiões se desenvolveu o mesmo nível de complexidade, levando a excessos na generalização de elementos verificados nos grupos de caçadores-recolectores Jomon e do Noroeste Americano.

Comparativamente, parece-nos claro que no caso dos concheiros portugueses, há uma escassez de evidências de complexidade para os grupos caçadores-recolectores, entendida enquanto conjunto de variáveis, nomeadamente a organização logística complexa, a sedentarização, diferenciação sócio-económica e a armazenagem (Kim & Grier, 2006, p. 192), perspectiva aliás defendida por A. F. Carvalho (2009). No caso dos grupos Jomon, estes aspectos são mais evidentes, mesmo nas fases iniciais deste período, estando documentadas estruturas habitacionais desde o *Incipient Jomon* (Takahashi, Toizumi & Kojo, 1998). Um aspecto dos concheiros que poderá enunciar maior complexidade é a presença de enterramentos humanos, sem que, no entanto, se observem diferenças significativas nos rituais funerários (Carvalho, 2009, p. 54).

## 5.2. Concheiros e a emergência de sociedades produtoras de alimentos

Aparentemente, os concheiros, tão característicos dos grupos de caçadores-recolectores holocénicos, sofrem uma tendência global de declínio com a emergência de economias caracterizadas pela produção de alimentos.

Embora a emergência de sociedades produtoras de alimentos se inicie em épocas cronologicamente distintas em Portugal (2ª metade do 6º milénio cal BC) e no Japão (inícios do 1º milénio cal BC, no Norte da ilha de Kyushu) (Fujio, 2013), ambos os territórios partilham o facto de se distanciarem dos focos primários de “neolitização”, iniciando-se o processo de forma tardia em relação ao restante continente (Europa e Ásia, respectivamente). Não obstante, problemas arqueográficos, diferenças regionais e outros factores necessitam de ser equacionados no momento de avaliar o impacto das alterações económicas na formação dos concheiros. As diferenças nos processos de adopção das práticas agrícolas constituem um dos aspectos, longe de lineares e afectados por uma série de elementos, como os contextos sociais prévios, as mudanças ambientais, bem como os objectivos e a intensidade das próprias práticas produtivas adoptadas. Por outro lado,

a maior quantidade de sítios com acumulações conquíferas conhecidas em períodos caracterizados por grupos predominantemente caçadores-recolectores não deve levar a assumir a sua exclusividade para estas etapas, nem ao menosprezo destas estruturas em períodos posteriores, uma vez que constituem, igualmente, um registo arqueológico de elevado potencial de investigação.

Para o caso japonês, a diminuição dos concheiros no período Yayoi necessita de ser encarada com alguma relativização, uma vez que o período Jomon tem uma duração temporal muito superior por comparação com o período subsequente.

Em Portugal, para os concheiros do Sado, tem sido sublinhado que as evidências de ocupação a partir de 5000 cal BC se tornam mais débeis, sendo referido que a maior parte dos concheiros se encontra abandonada vários séculos antes do máximo da transgressão flandriana, sem que se encontre, porém, causas ambientais para o fenómeno (Diniz & Arias, 2012, p. 142). No entanto, tendo em conta a problemática da definição das fases de ocupação face à escassez de datas de radiocarbono e de dados estratigráficos, torna-se difícil atribuir uma cronologia exclusivamente mesolítica aos sítios e, em específico, à formação das acumulações conquíferas. Por outro lado, para o caso do processo de neolitização na Costa Sudoeste, C. T. Silva e J. Soares ressaltam que “... os recursos marino-estuarinos tiveram um papel não negligenciável...”, ao permitirem, graças à sua abundância e estabilidade, criar “... condições de estabilidade social e de povoamento precursoras das sociedades neolíticas” (Silva e Soares, 2003, p. 51), defendendo a continuidade da mesma matriz de povoamento e de estratégias de subsistência em relação ao Mesolítico final.

## 5.3. Problemas transversais no estudo dos concheiros em Portugal e no Japão

Em Portugal e no Japão, as reconstituições paleo-ambientais e económicas constituem um objectivo central da investigação dos concheiros. De alguma forma, seguindo as tendências globais (Claassen, 1998, p. 15), há uma relativa menor atenção a temas como os processos de formação e os aspectos sociais da utilização destes sítios.

Para o caso japonês T. Takanashi (1998, p. 19) critica o carácter individualizado de muitas das análises especializadas de materiais provenientes de concheiros Jomon, situação que também se pode verificar

em Portugal e que tem levado a algum afastamento da investigação dos concheiros *per se*, isto é, dos concheiros enquanto realidades arqueológicas.

Apesar do seu historial de investigação, a escassez de análises gerais sobre os concheiros portugueses e japoneses impõe a realização de estudos comparados a uma escala global, que incidam sobre problemas transversais, como as causas e os processos da sua formação, a variabilidade física e funcional, a relação com os “caçadores-recolectores complexos” e as características do seu aparente declínio com a emergência de economias produtoras de alimentos (Figura 1).

## BIBLIOGRAFIA

- ABE, Yoshiro (2007) – Kaidzuka kara Jomon shakai wo yomi toku (Comprehension of Jomon society from shell mounds). *Koukogaku Jaanaru (The Archaeological Journal)*. Tokyo: New Science. 563, p. 3-8 (in Japanese).
- ABE, Yoshiro (2009) – Jomon bunka-teki kaidzuka wa naze syoumetsu shitanoka (Why did the Jomon culture-type shell middens disappear?) In SHITARA, Hiromi; FUJIO, Shin'ichiro; MATSUGI, Takehiko, eds. – *Yayoi Jidai no Koukogaku: Syokuryou no Kakutoku to Seisan (The Archaeology of the Yayoi period: Food Acquisition and Production)*. Tokyo: Douseisha Publishing. (Yayoi Jidai no Koukogaku; 5), p. 198-212 (in Japanese).
- ÁLVAREZ, Myrian; BRIZ GODINO, Ivan; BALBO, Andrea; MADELLA, Marco (2011) – Shell middens as archives of past environments, human dispersal and specialized resource management. *Quaternary International*. 239, p. 1-7. <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2010.10.025>.
- BALBO, Andrea; MADELLA, Marco; BRIZ GODINO, Ivan; ÁLVAREZ, Myrian (2011) – Shell midden research: An interdisciplinary agenda for the Quaternary and Social Sciences. *Quaternary International*. 239, p. 147-152. <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2011.03.032>.
- BICHO, Nuno; PEREIRA, Telmo; CASCALHEIRA, João; MARREIROS, João; PEREIRA, Vera; JESUS, Luís; GONÇALVES, Célia (2010) – Cabeço da Amoreira, Muge: resultados dos trabalhos de 2008 e 2009. In GIBAJA, Juan; CARVALHO, António, eds. – *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do Norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica; 15). p. 11-17.
- CARVALHO, António Faustino (2009) – O Mesolítico Final em Portugal. In UTRILLA MIRANDA, Maria del Pilar; MONTES RAMÍREZ, Lourdes, eds. – *El Mesolítico Geométrico en la Península Ibérica*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, Departamento de Ciencias de la Antigüedad (Monografías Arqueológicas; 44). p. 33-68.
- CARVALHO, António Faustino de; VALENTE, Maria João; DEAN, Rebecca (2010) – O Mesolítico e o Neolítico antigo do concheiro da Rocha das Gaivotas (Sagres, Vila do Bispo). *XELB: revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*. 10, p. 39-54.
- CLAASSEN, Cheryl (1998) – *Shells*. Cambridge: Cambridge University Press. (Cambridge Manuals in Archaeology; 2). 284 p.
- CUNHA, Eugénia; CARDOSO, Francisca; UMBELINO, Cláudia (2003) – Inferences about Mesolithic life style on the basis of anthropological data. The case of the Portuguese shell middens. In LARSSON, Lars; KINDGREN, Hans; KNUTSSON, Kjell; LOETTLER, David; AKERLUND, Agneta, eds. – *Mesolithic on the move. Proceedings of the 6<sup>th</sup> International Symposium on the Mesolithic in Europe, Stockholm 2000*. Oxford: Oxbow Books, p. 184-190.
- DINIZ, Mariana, ARIAS, Pablo (2012) – O povoamento humano do paleo-estuário do Sado (Portugal): problemáticas em torno da ocupação dos concheiros mesolíticos. In CAMPAR ALMEIDA, António; BETTENCOURT, Ana; MOURA, Delminda; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio; ALVES, Maria Isabel, eds. – *Environmental changes and human interaction along the Western Atlantic Edge (Mudanças ambientais e interação humana na Fachada Atlântica Ocidental)*. Coimbra: APEQ, CITCEM, CEGOT, CGUP, CCT, p. 139-157.
- DUPONT, Catherine (2003) – Les coquillages alimentaires des dépôts et amas coquilliers du Mésolithique récent/final de la façade atlantique de la France: De la fouille à un modèle d'organisation logistique du territoire. *Préhistoires Méditerranéennes*, p. 2-12. <http://pm.revues.org/345>
- FUJIO, Shin'ichiro (2013) – Yayoi bunka no rinkaku: kangai-shiki suiden inasaku wa Yayoi bunka no shihyou nanoka (The Frame of the Yayoi culture: Is Wet Rice Cultivation with Irrigation System an Indicator of the Yayoi Culture?). *Kokuritsu Rekishi Minzoku Hakubutsukan Kenkyuu Houkoku. Kaikan 30 shuunen kinen ronbun shuu I (Bulletin of the National Museum of Japanese History. Special issue for the 30th anniversary of National Museum of Japanese History, vol.1)*. 176, p. 85-120 (in Japanese).
- GUTIÉRREZ-ZUGASTI, Igor; ANDERSEN, Soren H.; ARAÚJO, Ana C.; DUPONT, Catherine, MILNER, Nicky; MONGE-SOARES, António M. (2011) – Shell midden research in Atlantic Europe: State of the art, research problems and perspectives for the future. *Quaternary International*. 239, p. 70-85. <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2011.02.031>.
- HABU, Junko (2004) – *Ancient Jomon of Japan*. Cambridge [etc.]: Cambridge University Press. 332 p.
- HABU, Junko; MATSUI, Akira; YAMAMOTO, Naoto; KANNO, Tomonori (2011) – Shell midden archaeology in Japan: Aquatic food acquisition and long-term change in the Jomon culture. *Quaternary International*. 239, p. 19-27. <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2011.03.014>.

KIM, Jangsuk; GRIER, Colin (2006) – Beyond Affluent Foragers. In GRIER, Colin; KIM, Jangsuk; UCHIYAMA, Junzo, eds. – *Beyond Affluent Foragers*. Proceedings of the 9<sup>th</sup> ICAZ Conference, Durham 2002, p. 192-200.

KUDO, Yuichiro (2012) – Nihon Rettou ni okeru doki shutsugen-ki no kousei nendai ni tsuite: IntCalo4 to IntCalo9 no chigai oyobi 13000 nen mondai (Calibrated Radiocarbon Dates of the Earliest Pottery in the Japanese Archipelago: Distinction between IntCalo4 and IntCalo9, and “the Year 13000 Problem”). *Kokuritsu Rekishi Minzoku Hakubutsukan Kenkyuu Houkoku* (Bulletin of the National Museum of Japanese History). 172, p.101-116 (in Japanese).

NISHIYAMA, Tarou (1995) – Mou hitotsu no kaidzuka kenkyuu-shi (Another research history about the the shell mounds). *Kenkyu kiyou 16: 20 syuunen kinen ronsyuu* (Bulletin of Research 16: Journal on the 20<sup>th</sup> anniversary celebration). Chiba-ken Bunkazai Senta [Center for Archaeological Operations of Chiba Prefecture], p. 546-564 (in Japanese).

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; CARDOSO, João Luís; CRUZ, Carlos Souto; REIS, Carlos A. Sousa (1986) – Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*. 14, p. 59-82.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2003) – A transição para o Neolítico na Costa Sudoeste portuguesa. In GONÇALVES, Victor. S., ed., – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), p. 45-56.

SUZUKI, Kimio (1989) – *Kaidzuka no Koukogaku (Shell Midden Archaeology)*. Tokyo: Toukyou Daigaku Shuppankai (Tokyo University Publishing). 134 p. (in Japanese)

TAKAHASHI, Ryuzaburo; TOIZUMI, Takeji; KOJO, Yasuhi (1998) – Archaeological Studies of Japan: Current Studies of the Jomon Archaeology. *Nihon Koukogaku (Journal of the Japanese Archaeological Association)*. 5, p. 47-72.

TAKANASHI, Tomoko (1998) – Tokyo-wan tougan-iki ni okeru Jomon kaidzuka to maisou (Jomon shell middens and burials in the East coast of the Tokyo Bay). *Kenkyuu Renraku shi*. Chiba: Kyouiku Shinkou Zaidan Bunkazai Senta (Foundation for the Promotion of the Education Cultural Heritage Center). 52, p. 9-22 (in Japanese).

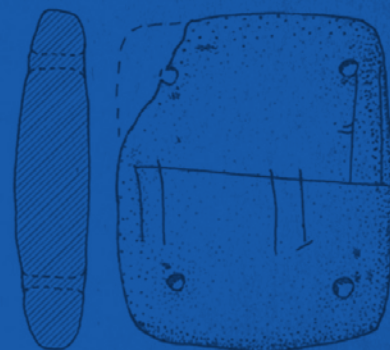
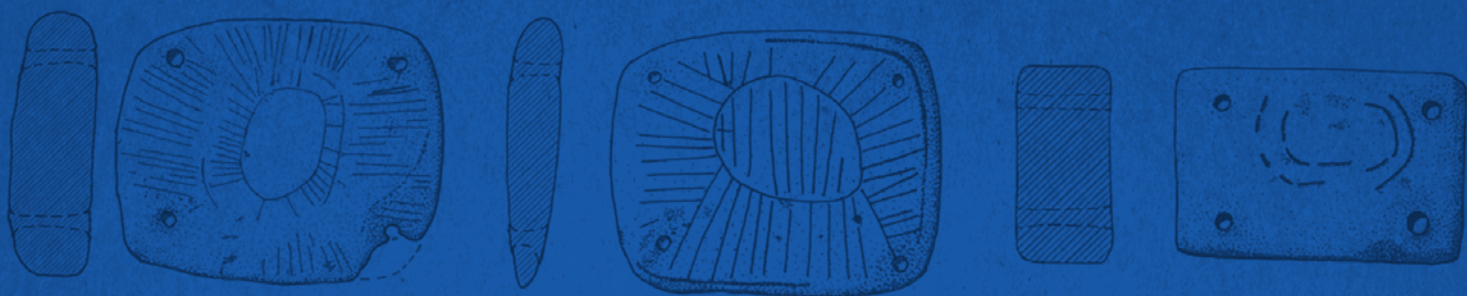
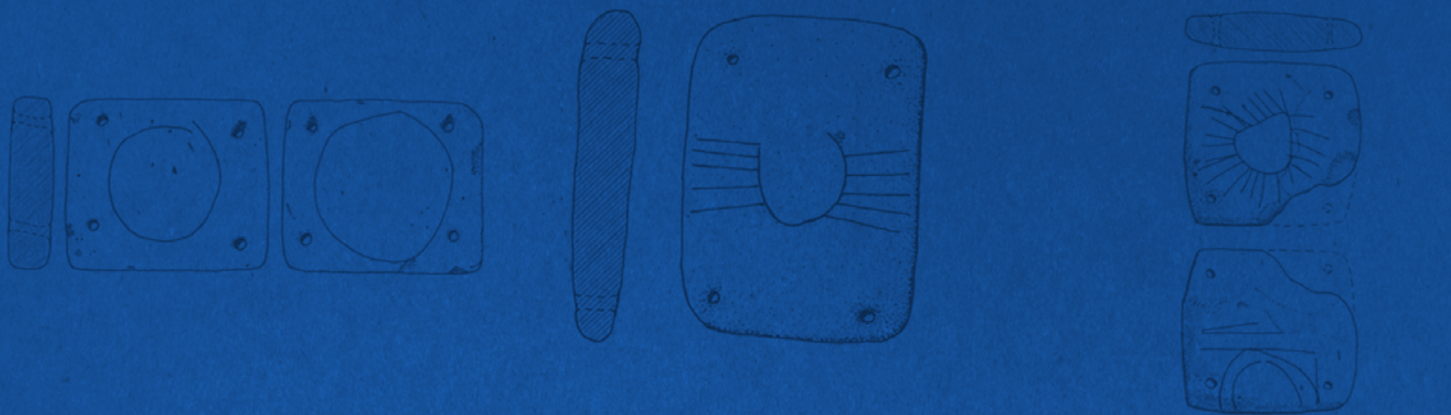
TOZAWA, Mitsunori (1989) – *Jomonjin to Kaidzuka (Jomon people and shell mounds)*. Tokyo: Rokkou shuppan. 213 p. (in Japanese).

VALERA, António Carlos; SANTOS, Helena (2010) – O concheiro do Neolítico antigo do “Meu Jardim” (Nazaré): informação preliminar. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 6, p. 21-27. www.nia-era.org.

YOKOHAMA-SHI REKISHI HAKUBUTSUKAN (2012) – *Umi ni kogidase! Yayoi-jin: Yokohama-shi Rekishi Hakubutsukan Kikakuten (Row toward the sea! Yayoi people: Yokohama History Museum Exhibition)*. Yokohama: Yokohama-shi Hurusato Rekishi Zaidan (Yokohama History Foundation). 64 p. (in Japanese).

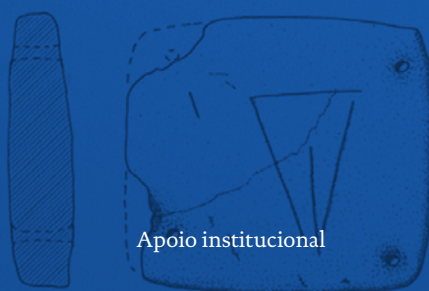


Figura 1 – Temas transversais no estudo dos concheiros em Portugal e no Japão. Fotos: em cima, corte estratigráfico do concheiro de Poças de S. Bento, Alcácer do Sal (Portugal), na sondagem 1 das escavações de 2012; em baixo, concheiro de Kasori, Chiba (Japão).

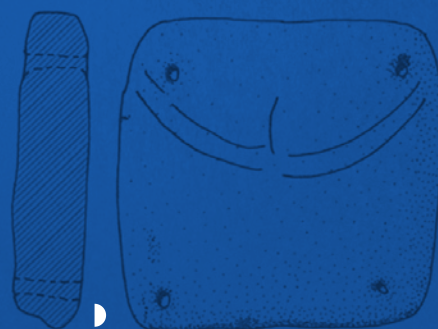


**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua